

RASTREANDO A PRODUTIVIDADE E A CRIATIVIDADE LEXICAIS NA MÍDIA BRITÂNICA: ‘THE CHAVS AND THE CHAV-NOTS’*

Antoinette Renouf
(Birmingham City University)

*Tradução de Tania M. G. Shepherd, do original em inglês *Tracing lexical productivity and creativity in the British Media: ‘the Chavs and the Chav-Nots’*, publicado em MUNAT, J. (org.). *Lexical Creativity, Texts and Contexts*, Amsterdam John Benjamins, 2007, p. 61-89.

RESUMO

O presente trabalho analisa os processos de produtividade e criatividade nas construções lexicais em textos jornalísticos publicados entre 1989 e 2005, acessíveis eletronicamente, com a ajuda da ferramenta *WebCorp*. Parte da observação de criações lexicais recentes e do resgate de usos mais antigos, produzidos ou citados em jornais britânicos, para discutir os conceitos de produtividade e criatividade lexicais à luz de um estudo diacrônico moderno sobre um corpus digitalizado. Mais de 700 milhões de palavras ou expressões foram examinadas. A análise indica que algumas palavras têm maior probabilidade de sucesso, atingindo um ciclo de vida maior do que outras.

PALAVRAS-CHAVE: produtividade; criatividade; estudos diacrônicos; jornalismo; ciclo de vida da palavra.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é examinar os processos de produtividade e criatividade nas construções lexicais através de observações empíricas sobre textos jornalísticos ao longo do tempo. A observação é assistida por sistemas informatizados, elaborados para identificar e monitorar inovações e mudanças lexicais em textos armazenados cronológica e eletronicamente, além de extrair recursos linguísticos como

base de dados analisados sobre “conhecimento” lexical, não acessíveis ou recuperáveis manualmente.

O artigo examina alguns neologismos recentes ou usos lexicais que os jornalistas criaram ou resgataram, além dos conceitos-chave de produtividade e criatividade, que são definidos dentro dos termos de um moderno estudo de corpus diacrônico. Sob uma perspectiva diacrônica, os níveis de frequência, produtividade e criatividade do léxico indicam quão ativa e importante uma palavra é numa língua em um determinado ponto no tempo, além de fornecerem pistas para que possamos rastrear seu “ciclo de vida” ao longo dos anos.

2. Dados

Para enfrentar o desafio de rastrear e localizar a mudança lexical ao longo do tempo (RENOUF, 1994, 1997), acessamos trechos incompletos de textos armazenados eletronicamente que são passíveis de análise cronológica. Os dados que sustentam este artigo, portanto, compreendem mais de 700 milhões de palavras em jornais de alta circulação do Reino Unido, cobrindo o período ininterrupto de 1989 até o fim de 2005.¹ Embora a produtividade e a criatividade lexicais apresentem variação de acordo com o campo do jornalismo em que ocorram (reportagens sobre esportes, por exemplo, podem ser surpreendentemente ricas em jogos de palavras e metáforas), nossa análise engloba todas as seções do jornal de forma não diferenciada.

Dados extraídos da *World Wide Web* com nossa ferramenta “WebCorp” também são consultados.² Textos oriundos da *internet* suplementam a informação linguística encontrada até mesmo nos *corpora* específicos mais atualizados, fornecendo neologismos e usos mais recentes (KEHOE; RENOUF, 2002; RENOUF, 2003; RENOUF *et al*, 2003, 2005 e no prelo; MORLEY, 2006), apesar de a falta de informação sobre datas não permitir um estudo diacrônico de confiança, que um corpus diacrônico planejado deveria ter (KEHOE, 2006).

3. Metodologia e Ferramentas

A pesquisa na qual se baseia este artigo vem seguindo um caminho intelectual coerente desde 1990.³ As hipóteses sobre a relação entre o sentido e a padronização textual provaram ser sólidas, permitindo desenvolver cumulativamente algoritmos para sistemas automáticos capazes de identificar fenômenos lexicais e léxico-semânticos no texto,

ao longo de um período de tempo. Esses fenômenos incluem neologismos (RENOUF, 1993b; BAAYEN; RENOUF, 1996), novos sentidos para palavras⁴ (RENOUF, 1993 c, d, e), relações de sentido e mudanças de relações de sentido dentro do texto⁵ (RENOUF, 1996; PACEY et al, 1998); e os tipos de produtividade e criatividade de novas palavras que entram nos textos das notícias⁶ (PACEY et al, no prelo).

A metodologia para cada um desses procedimentos varia, mas basicamente envolve passar um trecho específico de dados textuais recentes, cronologicamente sequenciados, através de um conjunto de filtros de *software* que detectam tanto palavras novas como novos ambientes colocacionais para palavras já existentes.⁷ O material ilustrativo para este artigo foi produzido através desses vários filtros, além dos programas usuais de concordância e processamento de textos.

4. Produtividade

Produtividade é o termo usado para os processos de formação de palavras que operam a partir de um lexema. Se uma palavra é ‘produtiva’, isso significa que variantes gramaticais e derivacionais associadas estão sendo produzidas.⁸

Os itens produtivos podem ser palavras ou morfemas. Nossos sistemas analíticos revelam que as formações de palavra mais comuns em textos cronológicos incluem compostos, derivados, nomes próprios, acrônimos e palavras contendo numerais; menos comuns são os empréstimos, compostos e conversões (PACEY et al, no prelo).

Ainda não classificamos as raízes individuais ou lemas em termos de produtividade ao longo do tempo, porém isso será feito em estágio posterior. A análise envolvida no trabalho é apenas parcialmente automatizável, dada a dificuldade de se estabelecer os limites do morfema. Entretanto, temos um registro cronológico dos inventários de classificação morfológica ou, mais precisamente, da produtividade afixal para cada ano, de 1989 a 2005.⁹ Essa definição de afixo é um tanto pragmática, o que equivale mais precisamente a uma “Combinação de elementos, com ou sem hífen”, e inclui afixos, uma combinação neoclássica de formas e até mesmo palavras que parecem estar se gramaticalizando, como por exemplo, *cod* (-), *faux* (-), *(-) gate* (RENOUF; BAAYEN, 1998).

Dentro desse quadro, a posição anual para cada afixo é interessante porque nos ajuda a perceber as preocupações sociais e da mídia contemporâneas. A posição confirma que o nível de produtividade de

cada afixo é extraordinariamente estável, uma estabilidade sustentada abaixo do grupo mais comum de afixos, como por exemplo, *un (-)* e *in (-)*. Ele também revela algumas exceções ligeiramente mais produtivas. As Figuras 1 e 3 separam os poucos afixos, mostrando uma tendência ascendente ou descendente em nossos dados, com os seus posicionamentos representados em termos da faixa de frequências em que eles caem a cada ano. Há dez faixas (ou “décimos”), com uma posição em Banda 1 para afixos com a pontuação de maior frequência, e assim por diante.

	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	00	01	02	03	04	05
Cyber	8	9	8	9	8	5	3	2	2	2	3	2	3	4	4	5	5
Euro	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	3	3	3	3	4
Mid	2	3	3	3	4	4	3	3	3	4	4	4	5	5	5	5	5
Techno	6	7	6	6	5	5	3	3	4	4	5	4	5	5	7	6	6
Under	2	2	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4	4	4	5	4	5
Dis	3	4	5	4	5	5	5	5	6	6	6	5	6	6	6	7	6
Inter	2	3	3	4	4	4	4	4	4	5	5	5	5	5	5	5	6
Mis	2	3	4	4	5	5	5	5	5	5	6	5	5	6	5	5	6
Mock	4	4	5	5	5	5	5	4	5	5	5	5	5	6	6	6	7
Faux	9	9	8	9	7	8	6	5	6	6	5	6	7	6	5	5	5
Trans	4	6	5	6	5	5	6	5	5	7	7	6	6	7	6	6	8
Poly	4	5	5	5	6	7	6	6	6	6	7	7	9	7	7	7	7
Uber	10	10	10	9	9	9	7	7	6	6	5	7	7	7	6	6	5
Fore	6	7	7	7	8	8	9	7	8	7	8	8	8	8	9	7	9
Vice	6	7	8	8	9	7	9	9	9	8	9	9	9	10	8	9	9

Figura 1. Prefixos com frequência aumentada ou diminuída durante período de 16 anos.

Na Figura 1, a posição dos prefixos revela um aumento considerável nos itens em voga (*cyber (-)*, *faux (-)* e *uber (-)*). Além disso, o prefixo *techno (-)* mostra um pico visível, ainda que temporário no meio dos anos noventa.

cyber 2000	uber 2005	faux 2005	techno 1996
cybertainment	uberpundits	faux-ruefully	techno-nerdish
cyber-squatting	uberwaif	faux-handwritten	techno-glam
cyber-geeks	uber-hyped	faux-autism	techno-ambient
cyber-potential	uber-talkshow	faux-clanger	technofreak
cyberdream	ubermogul	faux-cringes	techno-guru
cyberpicketed	uber-media-saturated		technoboffins

Figura 2. Novas formações prefixais para *cyber (-)*, *uber (-)*, *faux (-)* e *techno (-)* em anos de pico de produtividade.

Na Figura 2, que relaciona as formas derivadas construídas a partir desses prefixos, vemos que seu aumento se deve à sua função, tanto como componentes semânticos quanto como sinais discursivos de modernidade e humor; vemos também que eles podem se anexar à maioria das classes de palavras gramaticais (um argumento em favor de classificarmos palavras modificadoras como *faux* (-) não como adjetivos, mas como afixos gramaticalizadores (RENOUF; BAAYEN, op. cit.). Ao mesmo tempo, para os sufixos da Figura 3 abaixo, vemos um perfil ainda mais consistente ao longo do tempo, com um ligeiro aumento de posicionamento para sufixos em voga como (-) *fest* e (-) *athon*.

	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	00	01	02	03	04	05
Able	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	3	4	4	5	5	5
Ation	2	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	5
Fest	7	7	7	7	7	6	6	5	5	4	5	4	5	5	5	5	5
Ment	4	5	6	5	7	6	6	7	7	7	7	5	7	7	7	7	7
Ville	3	4	4	4	5	4	5	4	5	5	5	5	6	5	5	5	6
Ful	4	5	5	5	5	6	5	6	5	7	7	6	7	7	7	6	7
Ship	4	6	5	6	6	7	5	5	6	7	6	8	7	7	7	7	7
Athon	9	8	9	8	9	7	8	7	7	8	8	7	8	7	7	7	7
Ize	5	6	7	7	7	7	6	7	5	6	7	7	6	6	7	7	8
Able	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	3	4	4	5	5	5

Figura 3: Sufixos com aumento ou declínio de frequência durante o período de 16 anos.

Tanto (-) *fest* quanto (-) *athon* designam ou aludem a grandes eventos públicos e são, portanto, ideais para cobertura jornalística. Como mostra a Figura 4, fica claro que, ao final de 2005, há um conjunto semântico de palavras combinando com (-) *fest*, tais como *smarm*, *swank*, *schmalz*, *slush* e *gush*. A forma de combinação (-) *athon*, entretanto, parece se anexar a um grupo semântico que denota trivialidade: *froth*, *bitch*, *cringe*, *grope*, *yawn*. Ambos os sufixos também se atrelam a nomes próprios de tópicos como Sven (Sven-Göran Eriksson, técnico da seleção inglesa de futebol, envolvido em escândalos) e Bard (referência metonímica a um festival sobre Shakespeare), demonstrando que são usados para adicionar *glamour* à divulgação de eventos.

fest 2005	athon 2005
miaowfest	frothathon
backslapfest	Svenathon
smarmfest	Bardathon
Potterfest	bitchathon
kinderchucklefest	cringe-athon
swankfest	improvathon

Figura 4. Algumas formações sufixais novas para (-) *fest* e (-) *athon* em ano de pico de produtividade.

Uma vez que um neologismo aconteça, em termos morfológicos, ele normalmente começa a gerar flexões e derivações. Tal produtividade pode ocorrer quase que de uma vez, especialmente se a palavra está exposta ao público. Alternativamente, o processo produtivo pode levar mais tempo, ou mesmo não ocorrer. Uma redução ou atraso na produtividade podem ser atribuídos a uma série de fatores inibidores. Uma lista de possíveis fatores “inibidores” ou de restrição é sugerida abaixo.

Restrição 1: um termo considerado difícil de ser integrado à sintaxe regular pode ser introduzido no inglês geral. Exemplos comuns são termos emprestados metaforicamente de domínios científicos, tais como *symbiosis*. Essa palavra assumiu pela primeira vez um sentido não biológico em 1600, com o primeiro registro ocorrendo em 1622.¹⁰ A estranheza da palavra e suas variações é, talvez, o que a manteve rara em nossos textos ao longo dos anos. A primeira ocorrência de *symbiosis* em nosso corpus de notícias dos dias de hoje ocorreu em 1987, e de *symbiotic* em maio de 1986, quando então *symbiotic* é explicado como se segue, possivelmente indicando que sua inteligibilidade ainda não é um dado compartilhado pela maioria:

86.05 Part of the reason lies in the symbiotic relationship between hardware and software - one cannot work without the other.

A Figura 5 mostra que há pouca produtividade para a palavra *symbiosis* ao longo dos anos. Das poucas formações encontradas, *symbiosis-travel* faz parte de um endereço de homepage (www.symbiosis-travel.co.uk) e não é um item linguístico genuíno.

<i>symbiosis</i> 339	<i>symbiotic</i> 564
<i>symbioses</i> 5	<i>non-symbiotic</i> 1
<i>symbiosis-travel</i> 2	<i>quasi-symbiotic</i> 1
<i>sapper-symbiosis</i>	<i>symbiotically</i> 27

Figura 5: *symbiosis* e variações com respectivas frequências no Independent/Guardian 1989-2005.

Restrição 2: Exemplos de palavras às quais se possa anexar outras com dificuldade são termos estrangeiros ou clássicos, como *synergy*.¹¹ Tendo sua origem, como *symbiosis* no século 17, este termo aparece em nosso texto moderno com baixa frequência desde o início da coleta. No entanto, o adjetivo derivado *synergistic* apareceu primeiro em um contexto não científico em nossos dados de notícias somente em março de 1989, e depois apenas uma vez, no seguinte contexto:

89.03 Turner's broadcasting networks and MGM film archives are more "synergistic".

Esse é um exemplo de uma forma estabelecida da palavra sendo apresentada entre aspas, indicando talvez que o escritor sinta a necessidade de assinalá-la como sendo nova por causa de sua raridade e estranheza persistentes.¹² A produtividade geral de sinergia em termos do número de cada uma de suas variações tem permanecido bastante reduzida por mais de 16 anos, como mostra a Figura 6. A gama de variações também é limitada: não existe a forma *synergistically* e há poucos compostos.

<i>non-synergistic</i> 1	<i>synergised</i> 4	<i>synergy</i> 846
<i>synergic</i> 1	<i>synergises</i> 1	<i>synesynergy's</i> 1
<i>synergical</i> 1	<i>synergising</i> 2	<i>synesynergy-driven</i> 1
<i>synergie</i> 3	<i>synergizing</i> 1	<i>synesynergy-less</i> 1
<i>synergies</i> 906	<i>career-synergy</i> 1	<i>synesynergy-unlocking</i> 1
<i>synergise</i> 6	<i>dis-synergy</i> 1	

Figura 6: Produtividade do lexema *synergy* entre 1989 – 2005.

Restrição 3: Uma palavra que não tem um uso generalizado também pode ficar limitada a uma ou duas variações flexionais. Os números para *synergy* e *symbiosis* nas Figuras 5 e 6 indicam que a forma nominal parece ser a preferida para *synergy*, embora tanto a forma no-

minal e a adjetiva apareçam para *symbiosis*. Alguns substantivos podem manter sua forma nominal em textos específicos para efeitos retóricos, como, por exemplo, marcadores temáticos. Os substantivos que marcam temas em textos de notícias incluem substantivos abstratos, como *inequality* ou *unemployment*, que têm um viés sociológico e são usados em reportagens sobre questões sociais. Nesses casos, a proibição estilística habitual de não se repetir exatamente o termo em texto escrito pode ser ignorada, inserindo-se o termo em uma moldura nominal do tipo ‘*the NP1 of NP2*’ (onde *NP* é um sintagma nominal).

De fato, enquanto ‘*the NP1 of NP2*’ é mais comumente encontrado na maioria de domínios e tipos textuais, uma busca na *internet* mostra que ‘*the NP1 of unemployment*’ é particularmente frequente em textos de notícias, nos quais o componente do *NP1* engloba substantivos em diversas áreas semânticas, como segue:

- *problem, topic, issue, question*
- *effect, consequence*
- *level, rate*
- *risk, pressure*
- *spectre, curse, blight, tragedy, ghost, humiliation, misery, scourge*

O tipo de substantivo varia desde organizadores discursivos semi-lexicais com múltiplos propósitos tais como *question* e *issue*, até itens mais especificamente lexicais, avaliativos como *spectre* e *scourge*. Os substantivos *problem* e *risk* ocorrem com mais frequência nesse padrão léxico-gramatical, especialmente quando o *NP2* é na verdade uma sequência de sintagmas nominais. Encontramos, por exemplo:

- 05.07 a summit dominated by the problems of high inflation and growth.
- 04.11 the social contract underwrites the risk of unemployment, ill-health and old age
- 97.06 a government to tackle the problems of unemployment, low pay, and education and health services in decline

Os números correspondentes à frequência no corpus indicam que as formas nominais para *unemployment* e *inequality* predominam numericamente, como se vê abaixo:

Unemployment	38,610	inequality	4,421
unemployed	18,542	inequalities	2,552
	unequal		1,983
	inequal		2

Restrição 4: No início, uma palavra pode se referir a tópicos efêmeros, e depois, só se aplicar a eventos ou a maneiras de pensar, de forma intermitente, portanto, não se prestando à formação produtiva de novas palavras. O acrônimo *NIMBY*, uma abreviação de ‘Not In My Back Yard’ (‘não perto de mim, ou no meu bairro’), teve um impacto limitado depois de seu aparecimento em 1989 e apresentou pouca variação durante 17 anos, como mostra a Figura 7.¹³

NIMBY	7	Nimbyists	2	nimbyism	101
NIMBYS	1	Nimbyness	1	nimbyist	5
NIMBYism	2	anti-Nimby	1	nimbyists	2
NIMBYs	5	non-Nimby	1	nimbys	42
Nimby	124	Nimbys	62	nimbies	12
Nimby’s	7	nimby	71	nimbys-come-lately	1
Nimbyish	2	nimby-ish	1	not-in-my-back-yard	8
Nimbyish	5	nimby-ism	1	not-in-my-back-yarders	1
Nimbyism	83	nimby-ites	1	not-in-my-backyard	19
Nimbyist	1	nimbyish	2		

Figura 7: Produtividade do lexema *NIMBY/nimby*, 1989-2005.

Embora *NIMBY* logo adotasse grafia em minúsculas, *nimby*, isso não significa que eventos como esse sempre o façam (RENOUF, 1993a). O uso esparsos de um repertório limitado de variações flexionais padrão indica que esse acrônimo ‘pegou’ no mundo da mídia, durante mais de 17 anos, e que, no todo, o que foi dito sobre ele foi factual e não humorístico. O acrônimo claramente representa uma frase inteira, mas como uma quase-palavra não entrou em qualquer formação composta ou, com apenas uma exceção, em qualquer uso criativo (veja a discussão sobre “Criatividade” na próxima seção).

Em termos de produtividade, vale especular se há algum princípio generalizável que se possa deduzir sobre a ordem em que essas diferentes flexões e variações são geradas na linguagem. Até agora, não deduzimos qualquer padrão geral de evolução, e esperamos que a forma que ocorra em primeiro lugar, ou seja, casual ou determinada por

um texto específico no qual várias referências ao mesmo conceito seguem umas às outras arbitrariamente, de acordo com o estilo do autor e o fluxo do argumento.

5. Criatividade

A criatividade lexical no jornalismo, assim como na prosa ou poesia, é usada com o objetivo de alcançar certos efeitos estilísticos, tais como humor ou ironia (para uma discussão completa, ver MUNAT, 2007). É também um dispositivo usado para passar ao leitor um sentido de sabedoria, sofisticação, distanciamento autoral, entre outros. Manifesta-se através de trocadilhos e jogos de palavras, extensão metafórica, erro proposital e duplicação ou usurpação do papel de uma formação existente. Estes dispositivos foram classificados mais sistemática e exaustivamente por Kuiper (2007) e outras funções foram propostas por Hohenhaus (2007).

A criatividade é geralmente considerada como o ato de ou a qualidade de afastar-se imprevisivelmente das regras da formação regular de palavras, e em textos poéticos pode assumir contornos surpreendentes e emocionantes. Para o observador calejado de textos publicados por jornais, o repertório de itens criativos jornalísticos é um pouco mais conhecido e restrito, provavelmente devido às pressões que sofre o jornalista para produzir grandes quantidades de textos dentro de prazos (RENOUF, 2005a,b). Entretanto, é impressionante a habilidade do escritor de inventar linguagem tão nova e alusiva e do leitor de interpretá-la.

Diferentes políticas operam em diferentes jornais a respeito do nível do real conhecimento de mundo e da regularidade do público leitor que os repórteres e editores devem assumir, e isso, é claro, tem consequências para o nível e tipo de criatividade lexical empregada, o que seria um tópico para estudos futuros.

Uma outra questão é se o potencial criativo de uma palavra ou frase é realmente consubstanciado pelo uso. Cada palavra tem seu próprio perfil de frequência ao longo do tempo. Como NIMBY, mencionado anteriormente, algumas permanecem raras de modo estável. Outras palavras obsoletas ou adormecidas podem de repente reviver e ser resgatadas (por exemplo, *poll-tax*, *cod-*; e *tsar*, que serão discutidas no decorrer deste artigo). Algumas palavras surgem e exibem um surto de popularidade na crista da onda de um novo tópico ou tópico da moda

na mídia, deixando de aparecer assim que a mídia mude de interesse.

Em jornalismo, as restrições de tempo podem não só formalizar experimentação linguística, mas também induzir o escritor a preferir certas palavras e evitar outras. Em um extremo, com um termo de frequência consistentemente baixa, como *NYMBY*, encontramos somente um tratamento criativo em nossos dados, em julho de 2001, a frase *nimbys-come-late*, em

01.07 Mitchell of the Alliance strongly denies representing bourgeois
nimbys-come-lately who don't want the hoi polloi lowering the tone¹⁴

se referindo a dois clubes de futebol de Fulham, por analogia à frase 'Johnny-come-lately', que significa juntar-se a um grupo que defende certas ideias, no último minuto. Isso é muito pouco para um item lexical com tanto tempo de existência, considerando que teve algum tempo de exposição. É óbvio que termos da moda, atrelados a acontecimentos reais, por alguma razão, são candidatos à exploração, assim como palavras e frases com potencial inerente para alusão e trocadilho. Uma palavra ou frase da moda ou relacionada a um tópico é normalmente acompanhada por uma onda de produtividade como de criatividade.

6. Ciclo de vida

Para demonstrar a evolução de uma palavra ou unidade lexical, examinemos a expressão '*Weapons of Mass Destruction*'¹⁵, que surgiu em nossos dados em 1989, no contexto da primeira Guerra do Golfo. Entretanto, a expressão despertou o interesse da mídia somente em 2003, com a ameaça de uma segunda Guerra do Iraque, conforme mostra nosso gráfico de tempo para o padrão de frequência entre 1989 e 2005, na Figura 8. No caso, os números englobam todos os casos, não se fazendo distinção entre maiúsculas ou minúsculas.

A Figura 8 indica picos de frequência no início e no fim dos anos 90 (representados por uma linha pontilhada para 'frequência simples por um milhão de palavras', e por linha contínua para uma frequência menos detalhada e mais interpretável). Indica também um enorme aumento na linha de frequência entre 2002 e meados de 2003, quando a frase foi reintroduzida pelo governo Bush. Esse padrão é seguido por uma leve tendência de queda, e a frequência de ocorrência diminui outra vez no final de 2005.

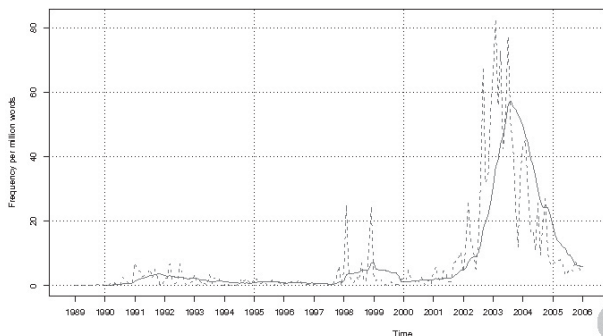


Figura 8: Gráfico de tempo: *weapons of mass destruction*, 1989-2005.

O aumento na frequência do sintagma nominal "*Weapons of Mass Destruction*" foi acompanhado por um aumento de criatividade com seu conteúdo lexical. A fim de descobrir mais precisamente a forma dessa criatividade, focamos nas principais áreas de potencial criativo dentro da frase, ou seja, os espaços contendo as palavras *mass* e *destruction*, através da seleção de três estruturas léxico-gramaticais de busca, a primeira [**weapons of * destruction*], a segunda [*weapons of mass **], e a terceira [*weapons of ****]. Um requisito para a criatividade foi imposto, substituindo os termos *mass* e *destruction* por espaços-coringas abertos, a fim de evitar a recuperação da frase convencional. Os resultados obtidos para cada um desses padrões de busca é apresentado na Figura 9.

weapons of mass * (no destruction)	weapons of * destruction (no mass)
weapons of mass distraction	weapons of modest destruction
weapons of mass obstruction	weapons of scant destruction
weapons of mass disruption	weapons of ass destruction
weapons of mass deception	weapons of indiscriminate destruction
weapons of mass discomfort	weapons of ministerial destruction
weapons of mass terror	weapons of market destruction
weapons of mass casualties	weapons of most destruction
weapons of mass entertainment	weapons of *(no mass, no destruction)
	weapons of bluff, brinkmanship
	& bloody-mindedness
	weapons of nasty scratches

Figura 9: Variações de *weapons of mass destruction* (Fev. 20, 2003).

Como os resultados da Figura 9 mostram, no dia 20 de fevereiro de 2003, mesmo dia em que a fatídica expressão *weapons of mass destruction* foi mais uma vez proferida, já temos um número expressivo de variações. Algumas teriam vindo de textos anteriores àquela data, mas mesmo assim, esta é uma safra notável. Enquanto isso, a frase nominal *Mass Destruction* é substituída por outras frases que enfatizam a seriedade do assunto através de vieses aparentemente ridículos e patéticos.

Esses resultados, entretanto, são relativamente poucos quando comparados com o aumento considerável de criatividade adicional que ocorreu no dia seguinte, conforme mostra a Figura 10.

weapons of mass * (no destruction)	weapons of * destruction (no mass)
weapons of mass banalization	weapons of catastrophic destruction
weapons of mass construction	weapons of class destruction
weapons of mass consumption	weapons of complete destruction
weapons of mass deconstruction	weapons of further destruction
weapons of mass distortion	weapons of global destruction
weapons of mass distractions	weapons of godlike destruction
weapons of mass effect (WME)	weapons of great destruction
weapons of mass hysteria	weapons of less destruction
weapons of mass instruction	weapons of local destruction
weapons of mass irritation	weapons of mad destruction
weapons of mass media (WMM)	weapons of massive destruction
weapons of mass partying	weapons of media destruction
weapons of mass protection	weapons of mischievous destruction
weapons of mass repression	weapons of murderous destruction
	weapons of nuclear destruction
	weapons of pattern destruction
	weapons of terrible destruction
	weapons of wealth destruction
	weapons of moose destruction

Figura 10: Criatividade para *weapons of mass destruction* (Fev. 21, 2003).

No ciclo de vida de uma palavra ou expressão em um texto, o aumento de criatividade lexical é tipicamente seguido por uma queda. Portanto, no período após o evento histórico e linguístico, vemos uma atividade intensamente reduzida no texto da *web* (retirado do mesmo número de páginas da *web*) para *weapons of mass destruction*, como mostra a Figura 11.

weapons of mass * (no destruction)
 weapons of mass photography
 weapons of mass media (WMM)

weapons of * destruction (no mass)
 weapons of 'grass destruction'
 weapons of singing destruction

weapons of * (no mass,no destruction)
 weapons of math instruction

Figura 11: Decréscimo de criatividade para *weapons of mass destruction* (Fev.28, 2002 – Maio 29, 2004)

7. Regras de criatividade

A criatividade, como mostram as Figuras 8, 9 e 10, não acontece por ação, mas segue um conjunto claro de convenções, envolvendo substituição baseada em semelhança fonológica, morfológica, semântica e outros tipos, além de alusão.

Destruction é substituída por palavras que têm:

- diferença de um fonema - *distraction*
- mesma letra inicial - *distraction, disruption, deception, discomfort*
- mesmo prefixo - *deception*
- mesmo sufixo - *distraction, obstruction, disruption, deception*
- mesma semântica - *disruption, discomfort, terror, casualties*
- outros - (para criar estranhamento) - *entertainment*

Mass é substituída por palavras que têm:

- diferença de um fonema - *ass*
- mesma letra inicial - *modest, ministerial, market, most*
- semelhança/contraste semântico - *indiscriminate, most (vs. modest, scant)*
- outros - (também colocado de *destruction*) - *indiscriminate*

A mudança no significado de uma palavra, a adoção de um significado extra ou uma extensão metafórica são sem dúvida um tipo de criatividade. Conforme delineamos no início, na seção de Metodologia, nosso *software* automatizado sugere uma mudança ou extensão no signifi-

cado que sinaliza uma mudança no perfil colocacional de uma palavra ou frase. A novidade é parte da resposta linguística a um evento do mundo real, e o novo uso será explorado na mídia em jogos criativos. Por exemplo, esperar-se-ia encontrar criatividade na mudança de núcleo referencial no acrônimo ASBO de organizações como a *Association of School Business Officials* para a recém-introduzida *Anti-Social Behaviour Order*.

8. Estudos de Caso sobre alguns neologismos populares recentes na mídia britânica

As palavras que mais claramente demonstram tais padrões de mudança são aquelas cunhadas ou resgatadas em resposta a acontecimentos e tópicos mundiais que capturam a imaginação do público (e da mídia) durante certo período. Uma área do léxico de interesse repetido na cultura britânica, refletida no jornalismo britânico é a predileção pela caracterização de subgrupos da sociedade do Reino Unido através de sua roupa, comportamento ou outros atributos e associações. Essa preocupação é estranha, mas não especificamente britânica. Obviamente, isso ocorre em outras mídias e outras sociedades, particularmente nos Estados Unidos, de onde muitas formações surgem para se incorporar aos textos britânicos. Algumas dessas atribuições léxico-sociais foram retiradas de dois tópicos atuais e dessa forma de áreas linguisticamente ativas, a saber:

- palavras que designam jovens de nível social baixo e estilo de vida pobre, como *chav*, *neet*, e *hoodie*.
- palavras que designam pessoas contratadas com altos salários para resolver problemas na indústria, governo e outras instituições, por exemplo, *tsar*.

Essas palavras são novas e talvez estejam no início de um longo ciclo de vida. Analisaremos a atividade produtiva e criativa mais evidente que cada uma dela já produziu em suas vidas relativamente curtas.

8.1 Neologismo 1 – CHAV

O lexema *chav* emerge pela primeira vez em nossos textos em uma série de usos dialetais nos anos noventa, como por exemplo, em *chavo* (1995), *chaveys* (1997), *chava* (1999). *Chav* (como esses últimos) é um termo de origem romani (e talvez da zona rural de Essex) para designar uma criança jovem. Entretanto, é somente em 2004 que encontramos o

termo resgatado em nossos dados, desta vez para designar um jovem britânico de pouca educação, com meios insuficientes para viver fora da casa dos pais, mas suficientes para comprar e usar acessórios da moda. O nome ganhou visibilidade rapidamente através da publicidade e incorporação ao título do sítio *chavscum.co.uk*, que promovia, enquanto ao mesmo tempo ridicularizava, membros do grupo com o mesmo nome.

Fica claro a partir de nossos dados que o termo base *chav* propriamente dito emergiu em 2004, cresceu vertiginosamente até as faixas mais altas de frequência do vocabulário da moda usado pela mídia e tem permanecido nessa posição desde então. A Figura 12 mostra que a frequência foi acompanhada por um nível bastante saudável de produtividade.

0403 chav 170	0502 chav-rap 1	0506 chav-nots 1
0403 chavs 95	0502 chavdom 1	0506 chavsta 1
0403 chavspotter 1	0502 chavalanche 4	0506 <i>chavtowns.co.uk</i> 2
0403 chavtastic 4	0502 chav's 3	0507 chavification 1
0412 chavvie 4	0503 chav-tastic 2	0508 chav-goth 1
0410 chav-spotting 1	0503 chav-in-the-street	0508 chav-infested 1
0410 <i>chavscum.co.uk</i> 1	0503 chavistocrats 1	0509 chavocrat 1
0412 chav-fave 1	0503 chavish 4	0510 chav-associated 1
0501 chavved-up 1	0503 chavvy 4	0510 chav-style 1
0502 chavocracy 1	0505 chav-central 1	0511 chavy 1
0502 chavier 1	0505 chavettes 1	
0502 chaviest 1	0506 chavette 1	

Figura 12: Flexões de *chav* emergindo durante 2004-2005.

A extensão da variação da produtividade baseada na palavra *chav* na Figura 12 é alta, e contém uma gama considerável do cânone de sufixos existentes e de outros elementos combinatórios pós-posicionais. Há uma predominância marcante do termo *chav* formando compostos com palavras coloquiais ou jargões da “juventude” como *spotter*, *spotting*, *fave* (“favorito”), *rap* e *central*; encontramos também *chav* justaposto a *goth*, e derivações de *chav* obtidas através da combinação com afixos menos convencionais e elementos afixais. A criatividade associada a *chav*, nesse seu novo sentido, é considerável, dada a sua curta existência se comparada à sigla NIMBY, que existe há dezessete anos. Encontramos o seguinte jogo de palavras no texto do jornal *Independent* de 2004:

1. 04.02 **Chavs and chav-nots**: the eternal divide. Charvers, skangers, scallies – Britain’s burgeoning peasant underclass may be revolting. But a threat to civilisation?
2. 05.02 A bickering **chavocracy** that marries in register offices should suit advocates of a bicycling monarchy
3. 05.03 the tulip-shaped skirt becomes de rigueur at Pangaea or wherever it is soap stars and **chavistocrats** hang out these days
4. 05.05 you would think that our society is on the brink of collapse from a **chavalanche** of scary teenagers.
5. 05.05 Vogue may be hoping to broaden their brand and attract a whole new readership but it seems pretty unlikely that the average **chav-in-the-street** is going to pick up a copy of Vogue at the local newsagent with their packet of fags
6. 05.06 After the Selfish Revolution in the Eighties, better-off people just shut themselves away behind their garden walls and moaned about the **chav-nots**.
7. 05.09 the polo-playing **chavocrat** who wears Nazi gear to a party and gets into a drunken brawl outside a nightclub
8. 05.10 It’s not simply a case of comedy for the **chavs and chav-nots**

Figura 13: variações baseadas em *chav* em 2004-5.

Fica claro a partir do jogo de palavras na Figura 13 que essa fertilidade resulta no uso da palavra *chav* referindo-se não apenas à subclasse social de jovens britânicos pobres, mas também à família real e a outros membros ricos e aristocráticos da sociedade britânica, com a clara implicação de que a vida dos privilegiados é igualmente insípida e medíocre. Os neologismos derivados *chavocracy* (2), *chavistocrat* (3) e *chavocrat* (7) acima, referem-se respectivamente a Charles e Camilla, aos “ricos” e ao Príncipe Harry.

Um desses trocadilhos, ou seja, *chavs and chav-nots*, parece ter ganho popularidade por sua analogia com “*the haves and the have-nots*”, significando os ricos e os pobres. Outros exemplos dessa construção aparecem em jornais de alta circulação durante esse período, como por exemplo:

- Times 05.02 **Chavs and chav-nots**. Julie Burchill says there is nothing wrong with chav culture
- Times 05.04 Sadly, in the battle between the **chavs and the chav-nots**, the ones with the bling-bling make the most noise.

8.2 Neologismo 2 – HOODIE

Encontramos um total de 159 ocorrências de *hoodie* em nossos dados, oriundas de notícias entre 1989 e fim de 2005.¹⁶ A evolução de seu significado referencial e conotativo está exemplificada na Figura 14. A criatividade de *hoodie* se dá basicamente por extensão metonímica e referência alusiva. A palavra ocorreu pela primeira vez em 1992, como termo coloquial para “*hooded crow*”(1). Até dezembro de 1992, entretanto, *hoodie* foi adotado para significar metonimicamente o casaco ou jaqueta com capuz feito de material macio associado a grupos específicos da sociedade. No início, um *hoodie* era somente a roupa preferida de meninos, rapazes e seus grupos (2), antes de passar a se referir a vestimenta da moda e a ícones da juventude, em junho de 2002 (3).

1. 92.09 Here live only deer and eagles, the odd fox and hoodie crows.'
2. 01.12 He buys a black 'hoodie' with 'Alien Ant Farm' on the back
3. 02.06 his progress is tracked by an army of hoodie-wearing, baggy-jeaned pre-teens. 'It's Matt Hoffman', they whisper reverently.
4. 02.10 you can't buy a decent hoodie from the Issey Misake or Jean Paul Gaultier sites.
5. 03.10 Small bags. Impossible in the winter to tote round a zip-up hoodie, extra vest...
6. 04.01 But Waynetta Slob [TV character] wore matching jogging pants and hoodie, if you catch my drift.
7. 04.11 How would anyone breaking a hoodie Asbo be caught? The hood turns any gentleman into a hoodlum.

Figura 14: Evolução de referências a *hoodie* nos dados dos jornais *Independent/Guardian* entre 1989-2005.

A partir daí, o termo foi usado para designar a moda adulta, como em (4) acima (outubro de 2002) e posteriormente ficou restrito à moda jovem feminina, mas no contexto de roupa de inverno (ver [5], outubro de 2003). Foi só em janeiro de 2004 (6) que o termo *hoodie* foi associado à subclasse social, embora também continuasse a ser usado em referência a artigos de moda de esporte, a artistas musicais, estrelas de guetos, a cantores meninos e festivais de música. Nesse período inicial, apenas um colocado significativo foi gerado para *hoodie* pelo nosso software de análise, a partir de suas poucas ocorrências, ou seja, *crows*.

A partir de junho de 2004, entretanto, *hoodie* funcionou gradativamente como avaliação negativa de moda jovem e, em novembro de 2004, adotou a primeira associação com comportamento antissocial (7). De novembro de 2004 em diante, a conotação sociológica negativa do termo pode ser calculada por nosso *software* analítico. O padrão colocacional aumentou e mudou significativamente – não mais *crows*, mas uma lista de colocados que evocam seu novo significado, como mostra a Figura 15. Os números que na Figura 15 representam respectivamente a ‘frequência no corpus’, o ‘intervalo da frequência’ (valores mínimos e máximos) e o ‘escore-z do colocado’, três medidas estatísticas que se combinam para listar os colocados em termos de significância.

wearing	4470	15+0	13.707
cap	1712	1+9	8.922
teenager	2109	5+2	5.930
ban	5974	1+5	4.829
baseball	774	0+5	3.981
wore	1298	5+0	3.968
black	13345	4+1	3.679
Bluewater	27	2+2	2.997
jeans	1078	1+3	2.978
debate	8248	0+4	2.832

Figura 15: Padrão colocacional de *hoodie* em novembro de 2004

Da mesma forma, até fevereiro de 2005, a forma plural *hoodies* era infrequente demais para ter colocados estatisticamente significativos. Entretanto, a partir de então, há um período em que ocorre com frequência aumentada, ilustrado a seguir:

05.05	>	48
05.06	>	32
05.07	>	13
05.08	>	8
05.09	>	24
05.10	>	6
05.11	<	26

Esse período é acompanhado pelo surgimento de colocados significativos, revelando uma clara mudança de *conotação*, como pode ser

visto na Figura 16, com novos itens como *ban*, *banned* e *yobs*.

wearing	3319	24+0	22.439
caps	799	1+8	7.945
ban	4090	8+1	7.724
baseball	586	2+6	6.964
boys	4367	7+1	6.735
wear	2700	6+1	5.853
banned	2370	4+2	4.887
young	19320	4+2	4.149
yobs	168	3+2	3.993
youths	606	4+1	3.975
teenagers	1773	5+0	3.927
shopping	2241	3+2	3.908
people	79115	6+0	2.262

Figura 16: Perfil colocacional de *hoodies* em fevereiro de 2005.

O aparecimento do uso duplamente metonímico do termo *hoodie* foi em maio de 2005. O significado do termo foi transferido do capuz da jaqueta para a jaqueta e depois para aquele que usa a jaqueta. Foi também acrescido do sentido de o usuário da vestimenta ser socialmente indesejável. No exemplo em questão, vemos também o termo sendo usado alusivamente, aplicado não a um skatista ou jogador de futebol, mas a um tenista.

05.05 As a result, Mancini is now officially as welcome in Genoa as a *hoodie* in the home counties

Os neologismos *chav* e *hoodie* avaliam e até certo ponto caricaturam membros da subclasse social ao se referirem a sua escolha de roupas, atribuindo-lhes, respectivamente, os vícios do mau gosto e ineficiência, assim como falta de responsabilidade social e pequenos delitos. Evocam imagens divertidas, têm grande aplicação metafórica, e permitem que uma parte da sociedade faça piadas e se sinta superior a uma outra. São, portanto, candidatos prontos para serem usados pelo público, e não simplesmente pela mídia, e provavelmente por esta razão se tornaram tão produtivos.

8.3 Neologismo 3 – NEET

Em contraste, o acrônimo NEET (que significa em inglês fora do sistema de educação, de emprego ou treinamento) foi cunhado não pela mídia, mas pelo Ministério da Saúde para classificar mais outro subconjunto social de jovens britânicos. As mudanças constantes na prestação de serviços sociais e educacionais no Reino Unido levam a tal gama de termos que os acrônimos passam a ser muito utilizados para condensar informação. NEET é um termo burocrático, nem particularmente divertido, nem facilmente explorável pelo público ou até mesmo pela mídia e por isso é menos produtivo do que *chav* ou *hoodie*. Até 2004, a palavra *neet* era simplesmente uma transliteração da variação dialetal regional para a ‘noite’. Encontramos em nossos dados de notícias seis casos, por exemplo, (1) na Figura 17. Para o final de 2004, o novo acrônimo NEET surgiu (2-4). Como no caso de NIMBY, citado anteriormente, NEET imediatamente passou a ser grafado em minúsculas, *neet*, embora, mais uma vez, isso não tenha sido ocasionado pelo uso generalizado (RENOUF, 1993a). As únicas instâncias de produtividade (5-6) mostram uma mudança sintática menor, de substantivo para modificador do substantivo.

1. 02.01 I've taken part in many a merry *neet* with hunting folk
2. 04.10 The health ministry estimates over 500,000 so-called *neets*
3. 04.11 Japanese researchers know their nation has *neets* too.
4. 04.11 The no. of young Japanese *neets* is an estimated 600,000
5. 04.11 The *neet* group in Britain tends to be from the lower socio-economic groups
6. 04.11 The *neet* phenomenon may be fundamentally different in both countries

Figura 17. Instâncias de *neet* desde o fim de 2004.

Como NEET oferece pouquíssimas oportunidades para uso criativo, apenas um único trocadilho aparece no corpus, como mostra a Figura 18, explorando a pequena semelhança fonológica entre *neet* e *nit*, significando piolho.

- 04.11 For most people, the suggestion that a sizeable number of British teenagers has a *neet* problem will prompt images of strong hair lotions and fine-tooth combs

Figura 19: Criatividade do acrônimo *neet* desde sua criação no final de 2004.

8.4 Termo já existente com novo significado - TSAR

Um grande número de palavras estabelecidas há longo tempo podem ficar adormecidas até que um novo uso seja encontrado para elas. A palavra *tsar* é um exemplo.¹⁷ Essa palavra teve perfil de vida discreto ainda que consistente, alcançando as camadas mais baixas de frequência do léxico principalmente em relação aos acontecimentos na União Soviética. Transformou-se em um dos muitos termos semelhantes – *guru*, *supremo*, *pundit*, *trouble-shooter* e outros – que recentemente voltaram à moda, sendo usado para caracterizar os comparsas do governo *New Labour*, personalidades da mídia e outros personagens que supervisionam o funcionamento de uma instituição pública ou entidade comercial, ou que são especialistas em algum campo. Os termos aparecem muitas vezes até mesmo em justaposição:

99.01 it is impossible not to trip over a Government-appointed
tsar, task force, regulator, or watchdog surveying our lives
00.07 the arts council supreme / *guru* / *tsar* Gerry Robinson

Entre esses, *czar* e *pundit* são os mais produtivos e criativos, provavelmente devido ao acidente linguístico de serem mais facilmente manipulados e se prestarem à afixação mais facilmente do que seus sinônimos. Uma vez que *tsar* é o mais em voga entre os dois, vamos selecionar *tsar* como nosso objeto de investigação.

Nossa curva de tempo da frequência da palavra *tsar* na Figura 19 mostra que em sua história recente, especificamente a partir de 1989, este termo pairou nas frequências mais baixas do léxico, inicialmente em referência à antiga União Soviética, à sua herança imperial e a seus líderes políticos do passado e do presente. Como na Figura 8 para *Weapons of Mass Destruction*, o padrão de frequência é representado por uma linha pontilhada, significando frequência simples por milhão de palavras, e por uma linha sólida, significando uma frequência facilitada, mais interpretável.

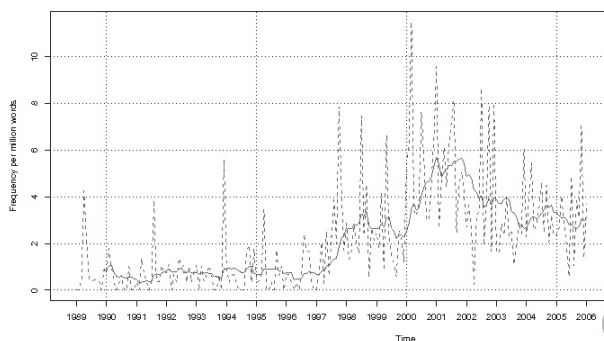


Figura 19. Curva de tempo para a frequência do termo *tsar* from 1989-2005

O longo e consistente ciclo de vida da raiz *tsar* tem sido compartilhado com flexões bem estabelecidas como *tsarist*, *tsaritsa/s*, a maioria transliterações dos títulos russos usados com referência literal. Pode-se ver na Figura 20 que a maior parte da produtividade tem sido através de derivação convencional com algumas poucas exceções recentes como *e-tsar*, e uma erupção de jogo criativo de palavras, na maioria das vezes com trocadilhos *tsar/star*, os quais consideraremos em detalhe mais adiante.

anti-tsarist2	tsar's 94	tsarina's 3
anti-tsarists1	tsar-gazing 1	tsarinas 10
co-tsar 1	tsar-hating 1	tsarism 17
e-tsar 1	tsar-in-waiting 1	tsarism's 2
ex-tsar 1	tsar-like 3	tsarist 234
mini-tsar 2	tsar-wars 1	tsarist-era 8
neo-tsarist 1	tsardom 9	tsarists 4
pro-tsarist 1	tsarevich 7	tsaritsa 1
super-tsar 1	tsarevna 1	tsaritsas 1
tsar 1702	tsarina 41	tsars 308

Figura 20: *tsar* e suas flexões de 1989-2005.

A Figura 19 mostra que a frequência estavelmente baixa da palavra *tsar* de repente cresce vertiginosamente em nosso texto a partir de 1996, atingindo o pico em 2000 e 2001. Os picos correspondem a períodos em que era moda para o Partido Trabalhista e outras instituições nomear figuras públicas para supervisionar a maioria dos aspectos

da vida nacional. Esse contexto histórico teve um efeito especial sobre o padrão de produtividade do item *tsar*.

Colocações estatisticamente significativas posicionadas imediatamente à esquerda de *tsar* em nossos dados de 1996-2005 são classificadas como na Figura 21 abaixo:

drugs	yob	sports	anti-corruption
drug	intelligence	economic	Drug
health	behaviour	car	disability
cancer	patient	anti-drugs	Cancer
homelessness	digital	ethnicity	Children's
Drugs	housing	equality	Crime
Russian	heart	economics	healthcare
care	maths	design	countryside
children's	IT	competition	Food
counter-	transport	policy	poverty
terrorism	homelessness	Asbo	emergency
food	architecture	film	arts
people's	rural	ex-drugs	TV
crime	rail	anti-drug	education
security			

Figura 21. Colocados significativos à esquerda de *tsar* de 1996-2005.

O que a Figura 21 nos diz é que, a partir de 2000, a produtividade de *tsar* assume primariamente a forma de vários compostos do tipo '*government's transport tsar*', com *tsar* servindo como um núcleo com todo o tipo de propósito e carregando uma gama de modificadores. Juntos, esses formam papéis e títulos designados especificando uma marca de consultor, geralmente visível ao público, em cargos altos e regamente pagos, mas excepcionalmente honorários, cujo papel é monitorar áreas de prática e gastos e resolver problemas para tentar melhorar a atuação em várias áreas, desde o governo até os esportes. O termo *tsar* parece conferir certo *glamour* e poder a esses papéis.

Em contraste, na Figura 22, os parceiros colocacionais dos itens da mesma classe semântica - *guru*, *supremo* e *pundit* - ao mesmo tempo em que designam especialistas, chefes e mandachuvas, não carregam o mesmo grau de status ou autoridade nacional ou governamental como os compostos formados com *tsar*.

guru	supremo	pundit
PR	PR	TV
management	policy	television
style	security	football
lifestyle	election	media
advertising	transport	political
design	marketing	racing
investment	media	soccer
fashion	press	radio
marketing	arts	Sky
Indian	communications	sports

Figura 22. Colocados significativos à esquerda de *guru*, *supremo* e *pundit* de 1996-2005.

Muitos compostos de *tsar* são unidades multilexicais mais longas do que aquelas sugeridas pelo perfil colocacional. Os exemplos são mostrados pela Figura 23. Além disso, a lista de colocados significativos, descontextualizados, apresentados na Figura 23 encobre de modo acentuado as muitas criações humorísticas e paródicas.

arms control tsar
 EU foreign policy tsar
 the treasury's banking competition tsar
 the government's workplace equality tsar
 the European Commission's competition tsar
 hospital design tsar
 digital television tsar
 learning disability tsar
 The NHS information technology tsar
 the government's university admissions tsar
 the first criminal justice IT tsar

Figura 23: Compostos multilexicais baseados em *tsar* de 2000 a 2005.

Uma mostra dos efeitos conseguidos, tanto consciente como subconscientemente, encontra-se listada sob os seguintes títulos:

- Compostos que justapõem humoristicamente palavras coloquiais e conceitos básicos com *tsar* como núcleo:

- 97.10 South Boston has a 'trash tsar' - in charge of street cleaning
- 97.10 Bug tsar appointed to stop millennium computer crash
- 97.10 Rat tsar needed to crack down on the booming population of rodents

- Compostos que ridicularizam cargos oficiais:

- (passim) 'NHS waiting lists tsar'; 'waiting list tsar'

- Compostos que formam apelidos ridículos para os cargos oficiais:

- 01.07 Jean Glavany, the French agriculture minister and tree tsar
- 03.11 Every NHS trust is to appoint a bug-buster tsar

- Compostos que parafraseiam de modo humorístico os cargos oficiais:

homelessness tsar

98.07 the 'streets tsar'

00.12 The government, roofless tsar and all

01.04 Rough sleepers tsar sweeps ahead with targets

older people's tsar

98.12 Call for 'grey tsar' to champion the elderly

05.11 The old-age tsar, Professor Ian Philp

de-regulation tsar

00.12 The government's red tape tsar, Lord Haskins

03.03 Lord Haskins is the multi-purpose regulation/farming/euro tsar

food tsar

00.09 Loyd Grossman to be hospital 'foodie tsar'

- Compostos que parodiam o uso oficial de tsar em vários modos jornalísticos:

Tais usos geralmente ridicularizam as figuras públicas ao caracterizá-las ironicamente como *tsars* – importantes e poderosos – e ao mesmo tempo acentuar sua insignificância, trivialidade ou outro defeito, particularmente arrogância, como por exemplo em:

- 99.03 Milton Hershey had become America's caramel tsar
- 00.08 a friend of lipless, rightwing morals tsar William Bennett
- 00.12 Labour's watchdog; a kind of anti-William Hague tsar
- 01.03 the after-dinner tsar Kenneth Clarke

- Compostos que fazem parte do 'jornalês' cotidiano

- 99.01 The Foreign Office security consultant, or 'kidnap tsar'
- 01.10 sources close to Radio 5 Live's phone-in tsar
- 01.10 In April, he appointed a gay activist as Aids tsar

Nossa seleção do termo *tsar* a partir de seu grupo semântico não é acidental; o termo é um campo fértil para o estudo da criação de trocadilhos. Alguns itens se prestam mais a jogos de palavras que outros: guru, por exemplo é menos ambíguo, foneticamente ou não, e desta forma é inerentemente menos explorável. Para *tsar*, achamos que a semelhança entre *tsar* e *star* é muito explorada. Na verdade, em algumas ocasiões, é impossível evitar o trocadilho ou saber se é um artifício deliberado. Ver, por exemplo, o caso marginal abaixo:

- 11.05 Learning disability tsar Rob Greig revealed that ministers were to appoint a learning disabled co-tsar

A Figura 24 mostra alguns tipos de criatividade deliberada encontrados em nosso corpus.

- 03.89 History has consigned previous US tsar-wars to oblivion
- 03.91 exhibition 'Twilight of the Tsars' no chance for tsar-gazing
- 05.92 he seems to have seen tsar quality in him
- 03. 98 Nowadays he'd be a rock tsar
- 05.99 The falling tsar. Yeltsin brooks no rivals at court.
- 05.99 In Cannes, a tsar is born: The Russians are coming to the film festival
- 09.99 A tsar rises in the east: Helen Wallace on classical music
- 10.99 Spoken like a rising tsar
- 03.00 Porn tsar to save Utah from sex
- 08.00 Managed by New Labour pop tsar Alan McGee
- 10.00 Putin piles on super-tsar pretensions
- 04.01 When you wish upon a tsar. Lithuanian magnate opens theme park.

01.02	A wandering tsar blesses union between human and alien
10.02	an army of unelected policy advisers - Blair's galaxy of tsars .
02.03	New Tsar is born as artist gives facelift to regal past.
10.03	A sprinkling of tsar quality. Sarah Eldridge meets the man
06.04	A tsar is born: Prince Michael of Kent a cult hero in Russia.
03.05	rise and fall of a pop tsar - pop's most colourful character.
06.05	Bulgaria's falling tsar Simeon Saxe-Coburg faces bleak exit.
08.05	Tsar attractions . From couture to high street, Moscow style everywhere
11.05	Tsar turn : our rag trade king rocks Russia.
11.05	Government has tsars in its eyes. Learning disabled tsar to be appointed

Figura 24: Trocadilhos em torno da palavra da moda *tsar*, de 1996-2005.

Isso mostra que ao longo dos anos, virtualmente cada frase e clichê envolvendo a palavra *star* foram explorados, desde *star-gazing*, a *star quality*, *rock star*, *rising star*, *porn star*, *a galaxy of stars*, *pop star*, *super-star*, *wandering star*, *star attraction*, *stars in one's eyes* e *star turn*. Além disso, muitos dos trocadilhos foram extraídos de letras de música tais como '(Catch) a Falling Star' e 'When you wish upon a star', e títulos de filmes como 'Star Wars' e 'a Star is born'. Algumas alusões são menos transparentes; não é verdade que uma estrela (*star*) nasça no leste, mas sim o sol. Fica claro, então que os trocadilhos foram criados para adicionar um aspecto alusivo humorístico ou evocativo ao texto e são manipulados para se encaixarem ao contexto semanticamente. A maioria funciona como título ou tema (sintagma em primeira posição de sentença), o que indica o propósito de despertar o interesse do leitor.

13. Conclusão

Neste artigo tentamos explicitar alguns entendimentos sobre a natureza da produtividade e criatividade no texto através do emprego de uma metodologia de pesquisa elaborada para rastrear a atividade lexical através do tempo, focando o uso do léxico pela mídia do Reino Unido. Utilizamos os conceitos de produtividade e criatividade, que

definimos à luz de um moderno estudo de *corpus* diacronicamente. Realizamos um pequeno estudo de caso de alguns neologismos selecionados, e dentro das limitações de seus tempos de vida relativamente curtos e de suas ocorrências igualmente limitadas, tentamos ilustrar seus padrões de uso.

Se nos distanciarmos dessa listagem de detalhes sobre palavras isoladas, poderemos tecer algumas observações mais gerais e, espere-se, mais instigantes, que encorajem o leitor a revistar os dados deste e de outros estudos sob uma nova luz. Ao rastrear a produtividade e criatividade cronologicamente no texto jornalístico num espaço de 16 anos, ficamos impactados pela quantidade de achados que emergem dessa abordagem metodológica e filosófica.

Talvez a descoberta central seja que as palavras tenham um ciclo de vida que consiste, em termos mais gerais, de nascimento ou renascimento, seguido de uma trajetória de frequência de uso suave ou mais rápida e que leva a momentos de pico de popularidade mais breves ou mais longos, depois do qual elas decaem mais ou menos rapidamente até atingirem um nível estável de uso. Durante esse ciclo de vida, as palavras que causam impressão suficiente na imaginação pública geram um número de variações produtivas e criativas. Permitindo-me lançar mão de uma hipérbole, isso é evidência do maravilhoso poder da linguagem de gerar a si própria e de se autorenovar; palavras são como estrelas alçadas no firmamento linguístico numa chama de popularidade, dando vida a outras palavras, aqui e ali, e finalmente caindo a níveis mais calmos de prontidão.

Uma observação semelhante reside no fato que, por várias razões, nem todas as palavras são igualmente destinadas ao sucesso. Sugerimos algumas restrições que agem sobre elas. Um outro fator é que as palavras não têm franquia universal. Algumas decorrem de movimentos populares na sociedade, outras dos desenvolvimentos em níveis sociais ou científicos mais rarefeitos, e outras ainda são invenções da mídia. A capacidade de uma palavra se estabelecer como ícone que promove a causa da mídia é o critério mais crucial para a garantia de seu lugar no léxico da imprensa. O acrônimo NIMBY é um termo político para um conceito um tanto sem graça e pouco utilizado pelo público ou jornalistas. Em contraste, uma frase como “*annus horribilis*”, cunhada pelo escritor do discurso da Rainha em 1992, ainda que opaca para a maioria do público britânico, se saiu melhor. Apesar de estranha para mui-

tos em termos de significado, etimologia, origem (advém de *annus mirabilis*¹⁸) e propósito estilístico, seu significado ainda pode ser adivinhado e dessa forma se presta a ser usada por jornalistas. Assim, após uma breve e rápida ascensão e declínio bastante rápido, a expressão estacionou em um nível baixo mas estável e resistente de produtividade, no qual parece ser muito útil para os jornalistas em sua caracterização dos principais eventos no final de cada ano. Nossa estatística sobre sua ocorrência entre novembro e janeiro indica cerca do dobro do número médio de ocorrências mensais, atribuindo-se um total de pontuação de 'sazonalidade' de '0,04', o que significa que é menos sazonal que os termos *Wimbledon* ou *Christmas*, cada um com pontuação máxima de zero, mas ainda assim bastante significativos.

Uma observação final é que nosso estudo diacrônico e empírico sobre dados revela e traça paralelos entre a linguagem e eventos do mundo contemporâneo. Dessa forma, atua como uma janela para a cultura contemporânea, em particular para os acontecimentos mundiais recentes e para aspectos da cultura jovem que se refletem na mídia. Esses dados e achados levantam questões que se infiltram por disciplinas vizinhas: perguntas sociolinguísticas sobre as circunstâncias de uso da linguagem e o destino das palavras; perguntas psicolinguísticas sobre os processos subjacentes às sutilezas de compreensão mútua da alusão e dos jogos de palavras; questões estilísticas sobre a preferência por certas escolhas e não outras, e assim por diante. Espera-se que essas reflexões finais possam inspirar o leitor a prosseguir investigando tais incógnitas.¹⁹

ABSTRACT

This paper analyses the processes of lexical productivity and creativity in electronically-held journalistic texts published from 1989 to 2005 with the help of the WebCorp. Departing from the observation of some recent lexical coinages and revived uses either produced or cited by journalists in British newspapers, it discusses the concepts of productivity and creativity in the light of modern diachronic corpus studies. Over 700 million words or tokens were examined. The analysis indicates that some words are more likely to succeed than others, reaching a longer life-cycle.

KEYWORDS: productivity; creativity; diachronic studies; journalism; word life-cycle.

NOTAS

¹ Jornais de qualidade incluindo: *The Times* (timesonline.co.uk), *The Telegraph* (telegraph.co.uk), *The Guardian* (guardian.co.uk), *The Observer* (observer.co.uk), e/ou *The Independent* (independent.co.uk).

² <http://www.webcorp.org.uk/>

³ Numa série de projetos de pesquisa de grande porte, financiados pelo Conselho Britânico de Pesquisa em Engenharia e Ciências Físicas, pelo Ministério da Indústria e Comércio, companhias comerciais e várias universidades em sucesso; ver <http://rduces.uce.ac.uk/>

⁴ Novos sentidos para palavras foram pesquisados no projeto AVIATOR (Analysis of Verbal Interaction and Text Retrieval) <http://rduces.uce.ac.uk/aviator.shtml>

⁵ Relações de sentido no texto foram pesquisadas no projeto ACRONYM (Automatic Collocation Retrieval of 'Nyms') <http://rduces.uce.ac.uk/acronym.shtml>

⁶ Palavras novas que entram no texto foram pesquisadas no projeto APRIL (Automatic Prediction of Innovation in Language) <http://rduces.uce.ac.uk/april.shtml>

⁷ Neologismos: Conforme o texto novo passa pelos filtros, uma palavra é considerada nova se não apareceu antes numa lista mestre cumulativa de palavras. Ela é então assinalada como nova e adicionada à lista mestre, acompanhada dos registros das circunstâncias de sua ocorrência (e reocorrências subsequentes).

Novos sentidos para palavras: O significado de uma palavra existente é considerado novo, caso comece a ser envolvido por colocados que não sejam iguais àqueles estabelecidos pelo ‘perfil colocacional’ ou padrão registrado para aquela palavra.

Relações de sentido: Duas (ou mais) palavras são consideradas relacionadas através do sentido (por exemplo, são sinônimas) ao se estabelecer que elas aparecem no texto dentro de ‘perfis colocacionais’ ou padrões semelhantes.

Produtividade e Criatividade: Palavras encontradas pela primeira vez são analisadas e classificadas como candidatas a compostos, a flexões, a derivações e assim por diante, por filtros do software baseados em dicionários e analisadores morfológicos ao nível do caractere. Isso fornece um quadro do padrão de produtividade e criatividade no texto como um todo.

⁸ O linguista de corpus que opera diacronicamente tende a ver a produtividade como um fato observado, e não está interessado nela como fenômeno probabilístico, como fazem os linguistas teóricos (principalmente ARONOFF, 1976). Entretanto, a produtividade é um assunto probabilístico para os linguistas de corpus que trabalham com textos escassos, tais como documentos antigos.

⁹ Isso não está totalmente correto por causa da ambiguidade causada pelos limites do morfema, mencionados acima; mas usamos um analisador sintático sofisticado, a nível de caractere, com varredura para frente e para trás, para conseguir uma análise mais provável e menos custosa em cada um dos casos.

¹⁰ Para o primeiro exemplo de *symbiosis* com transferência de sentido, o *Oxford English Dictionary* (OED) *online* cita: Misselden, Edward (1622) in *Free trade; or the means to make trade flourish*: “To study and inuent things profitable for the publique Symbiosis”. O OED não cita *symbiotic* em sentido figurado antes de 1970: *Nature* 6 June 905/1: “Throughout its auspicious history the Botanical Society of Edinburgh has had a symbiotic relationship with the Royal Botanic Garden”.

¹¹ Para o primeiro exemplo de *synergy* com transferência de sentido, o OED *online* cita Heylin, Peter (1660), em *Historia quinqu-articularis*; ou uma declaração sobre julgamento das igrejas do Ocidente, principalmente da Igreja Anglicana, nos cinco pontos de controvérsia em nome do Arminianismo (1.9):

“They speak only of such a Synergie, or cooperation, as makes men differ from a senseless stock, or liveless statua, in reference to the great work of his own conversion”. Ao mesmo tempo, a variante *synergistic* é citada no OED somente em 1965 por Ansoff, Harry Igor, em *Corporate strategy: an analytic approach to business policy for growth and expansion* (v. 76): “This step certainly provides for some of the synergistic interactions”.

¹² Como sabemos, as aspas podem ser aplicadas a qualquer item, não só para sinalizar desconhecimento real ou assumido por parte do leitor, mas também distanciamento autoral, entre outros. A estranheza de longo tempo pode ser causada pelos múltiplos termos técnicos desta mesma etimologia, introduzindo, dessa forma, a ambiguidade que poderia inibir ainda mais a produtividade.

¹³ NIMBY: um neologismo dos anos 1980 trazido à atenção geral em 1988 por um ministro do partido Conservador, Nicholas Ridley, ao se referir a colegas que apoiam obras que causam problemas ao público em todo os lugares, exceto nas suas próprias bases eleitorais.

¹⁴ *Nimbys-come-lately* - significa aproximadamente ‘alguém novo na cidade, cujas credenciais ainda não foram postas à prova’. Vem de uma canção chamada “*Johnny Come Lately*”, de um filme de 1943, e de uma publicação de 1939 (que diz “*She may be a Johnny-come-lately on the board, but she’s doing a fine job with publicity*”).

¹⁵ Alguns dados oriundos de *Weapons of Mass Destruction* estão em nosso *website*.

¹⁶ Disponível no léxico de canções americanas de estilo *folk* desde os anos 1870; derivado semanticamente de ‘*hoodlum*’ (de etimologia desconhecida), cuja forma condensada é ‘*hood*’, associado especificamente ao crime organizado, o termo esperou um século para aparecer em nossos dados do Reino Unido. Mesmo então, foi usado primeiramente com referência aos Estados Unidos (ver *hoodies*). Algumas teorias também o associam ao termo *neighbourhood* (vizinhança).

¹⁷ O que vale para *tsar* em termos de criatividade, não vale para a grafia *czar*.

¹⁸ Dryden (1667) escreveu um poema intitulado ‘*Annus Mirabilis: o ano das maravilhas de 1666*’, em que, segundo ele, a praga de 1665 e o incêndio de Londres de 1666 teriam sido piores, se ele não tivesse sobrevivido a ambos.

¹⁹ Pesquisadores interessados em trabalhar com nossos dados podem acessar temporariamente, através de uma senha, quaisquer de nossos sistemas no endereço <http://rdues.uce.ac.uk/>

REFERÊNCIAS

- ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1976.
- BAAZEN, R.H.; RENOUEF, A.J. Chronicling The Times: productive lexical innovations in an English newspaper. *Language*, v.72, n.1, p. 69-96, 1996.
- CHARNIAK, E. (Org.). In: *Proceedings of Sixth Workshop on Very Large Corpora*. Montreal. COLING-ACL. p. 76-84, 15-16 August 1998.
- KEHOE, A. Diachronic linguistic analysis on the Web using WebCorp. In: RENOUEF, A.J.; KEHOE, A. (Orgs.). *The changing face of Corpus Linguistics*, Amsterdam & New York: Rodopi, 2006. cap. Xxx, p. 297-308.
- _____. RENOUEF, A.J. WebCorp: applying the Web to Linguistics and Linguistics to the Web. In: *World Wide Web 2002 Conference*, Honolulu, Hawaii, 7-11 May 2002. (ISBN: 1-880672-20-0), 2002.
- _____. BANERJEE J. The WebCorp search engine: A holistic approach to web text search. In: *Proceedings from the Corpus Linguistics Conference Series*, v. 1, n. 1, ISSN 1747-9398. 2006. Disponível em: www.corpus.bham.ac.uk/PCLC. Acesso em: 08/08/2011.
- MORLEY, B. WebCorp: A tool for online linguistic information retrieval and analysis. In: RENOUEF, A.J.; KEHOE, A. (Orgs.). *The changing face of Corpus Linguistics*, Amsterdam & New York: Rodopi, 2006. cap.xxx, p. 283-296.
- _____. RENOUEF, A.J. Linguistic research with the XML/RDF aware WebCorp tool. In: *Proceedings of WWW 2003*. Budapest. 2003. Disponível em: <<http://www2003.org/cdrom/papers/poster/p005/p5-morley.html>>
- PACEY, M.; COLLIER, A.; RENOUEF, A.J. Refining the automatic identification of conceptual relations in large-scale corpora. In: PACEY, M.; RENOUEF, A.J.; DAVIES, P.; KEHOE, A. (no prelo): *Monitoring lexical innovation in journalistic text across time*.
- RENOUEF, A.J. 'H.E.R.E. Today and 'here' tomorrow'. 14th ICAME Conference [comunicação oral]. University of Zurich, Switzerland, 1993a.
- _____. A word in time: first findings from dynamic corpus investigation. In: AARTS, J., de HAAN, P.; OOSTDIJK, N. *English language corpora: design, analysis and exploitation*. Amsterdam and New York: Rodopi, 1993b. p. 279-288.

- _____. Sticking to the text: a corpus linguist's view of language. In: ASLIB Proceedings. v. 45. p. 131-136, 1993c.
- _____. What the linguist has to say to the information scientist. In: GIBB, F., (Org.). *The Journal of Document and Text Management*, v. 1/2, p. 173-190, 1993d.
- _____. Making Sense of Text: Automated Approaches to Meaning Extraction. In: *Proceedings of 17th International Online Information Meeting*, p. 77-86, 1993e.
- _____. Corpora and historical dictionaries. In: LANCASHIRE, I.; WOOLDRIDGE, T. R. (Orgs.). *Early dictionary databases*. University of Toronto, 1993. p. 219-294.
- _____. The ACRONYM Project: discovering the textual thesaurus. In: LANCASHIRE, I., MEYER, C.; PERCY, C. (Orgs.). *Papers from English language research on computerized corpora (ICAME 16)*. Amsterdam & New York: Rodopi. p. 171-187, 1996.
- _____. Tools for the Diachronic Study of Historical Corpora. In: NEVALAINEN, T. (Org.). *To explain the present: studies in the changing English language in honour of Matti Rissanen*. 'Mémoires de la Société Néophilologique de Helsinki', Helsinki, 1997. v. 52. p. 185-199.
- _____. WebCorp: providing a renewable data source for corpus linguists. In: GRANGER, S.; PETCH-TYSON, S. (Orgs.). *Extending the scope of corpus-based research: new applications, new challenges*. Amsterdam & New York: Rodopi, 2003. p. 39-58.
- _____. BAAYEN, R.H. Aviating among the hapax legomena: morphological grammaticalisation in current British newspaper English. In: RENOUF, A. (Org.). *Explorations of Corpus Linguistics: Proceedings of the 18th ICAME Conference*. University of Liverpool. p. 181-189, 21-25 May 1997.
- _____. KEHOE, A.; MEZQUIRIZ, D. The Accidental Corpus: issues involved in extracting linguistic information from the Web. In: AIJMER, K. and ALTENBERG, B. (Orgs.). *Proceedings of 21st ICAME Conference, University of Gothenburg*. Amsterdam & New York: Rodopi. p. 404-419, 2003.
- _____. Phrasal creativity viewed from an IT perspective. In: HAMM, A. (org.). *RANAM (Recherches Anglaises et Nord Américaines)*. Language chunks and linguistic units. Université Marc Bloch, Strasbourg, n. 38, p. 113-122, 2005.
- _____. KEHOE, A. (Orgs.). *The changing face of Corpus Linguistics*. Amsterdam & New York: Rodopi, 2006.

_____. KEHOE, A.; BANERJEE, J. WebCorp: an integrated system for web text search. In: NESSELHAUF, C.; HUNDT, M. (Orgs.). *Corpus Linguistics and the Web*. Amsterdam & New York: Rodopi, 2007. p. 47-68.

Recebido em: 30/05/2011

Aceito em: 15/06/2011